

Blumenau em cadernos

TOMO XXXII

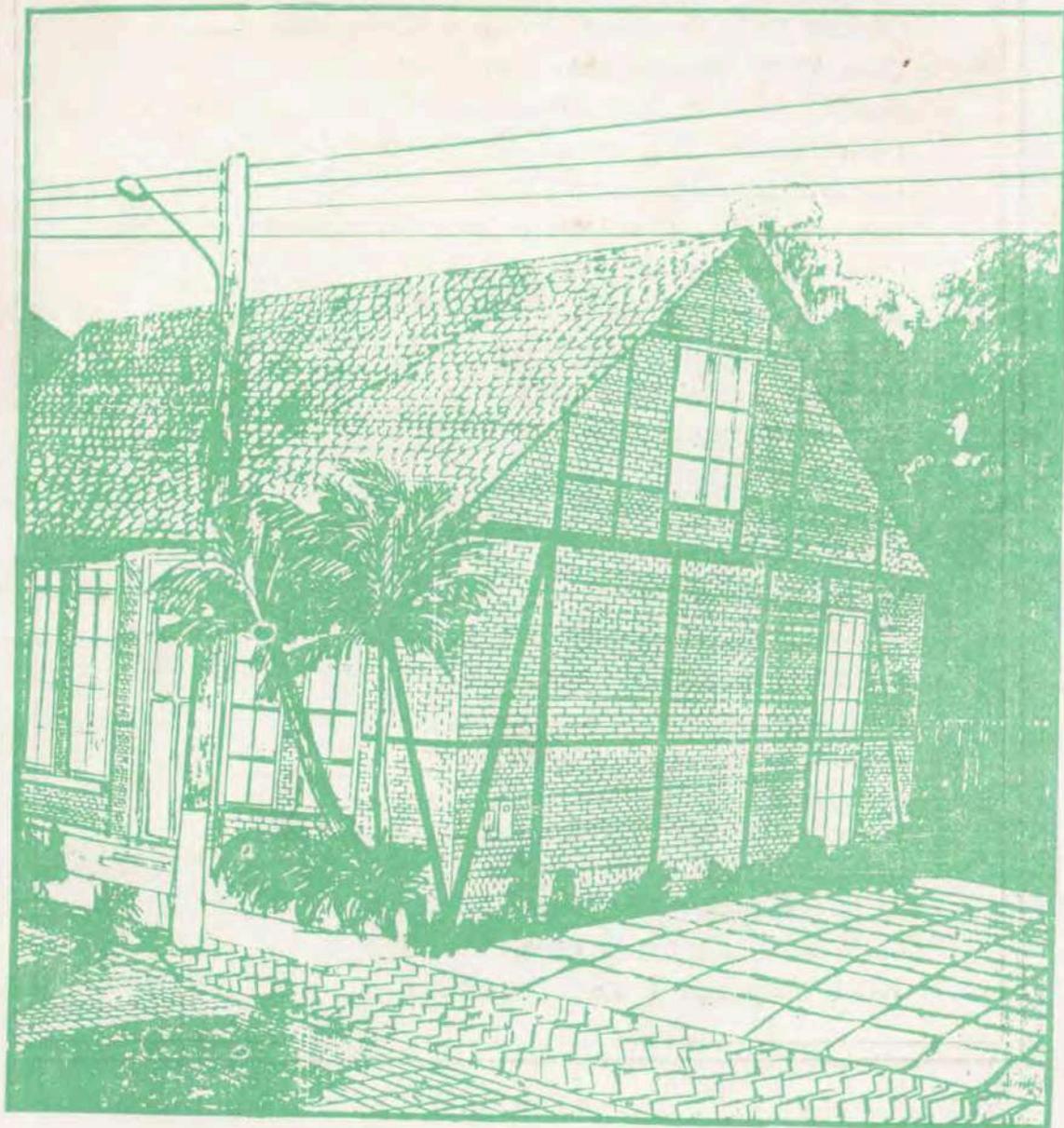
Abril de 1991

Nº 4

PORTE PAGO

DR/SC

ISR-58 - 603/87



A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Dietrich Schmidt
WANGNER — Reutlingen — R.F.A.
Walter Schmidt Comércio e Indústria
Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Casa Mayer
Lindner, Herwig, Shimizu — Arquitetos e Associados
Sul Fabril S/A.
Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXII

Abril de 1991

Nº. 4

SUMÁRIO

Página

Rodolfo Thomsen — 90 anos bem vividos	98
Subsídios Históricos — Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff	101
Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos — Pe. Antônio Francisco Bohn	102
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio	107
Antigos moradores do Desterro — Antônio Roberto Nascimento	110
Tocantins — Hermes Justino Patrianova	118
Um pouco da história de Apiúna — M. Deretti ..	119
Agradecimentos do chanceler Helmuth Kohl, da R. D. A. ao Prefeito Sasse	120
120 anos de imigração polonesa em Curitiba — Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart	121
Imigração/Colonização	122
Aconteceu... José Gonçalves	124
Homenagem ao sábio Fritz Müller	128

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 650,00 + 350,00 (porte) = Cr\$ 1.000,00

Número avulso Cr\$ 50,00 — Atrasado Cr\$ 100,00

Assinatura para o exterior Cr\$ 1.200,00 + 800,00 (porte via aérea) Cr\$ 2.500,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711

89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa - Desenho: Elias Boell Júnior * Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

RODOLFO THOMSEN - 90 anos bem vividos

Na edição nr. 4, de abril de 1988, desta revista histórica, publicamos uma auto-biografia de Rodolfo Thomsen, uma das figuras mais conhecidas de Blumenau e que, popularizou seu sobrenome através de sua atividade empresarial, fabricando produtos de alta qualidade e sempre bem recebidos pelos consumidores.

Hoje, retornamos a estas páginas, para saudar, com entusiasmo a este veterano industrial blumenauense que, ao longo de tantos anos, serviu à comunidade zelando sempre por um trabalho honesto através de produtos da melhor qualidade. Ele soube, assim, conquistar a admiração de todos e isto não apenas após haver se tornado industrial, como também desde bem jovem, quando alicerçou sua cultura através do aprendizado gráfico, sua primeira profissão.

Chega assim, como prêmio ao seu desempenho de jovem estudioso, ou na sua total trajetória de cidadão honrado e zeloso em conservar sua saúde integral, fugindo aos vícios de toda sorte, aos noventa anos de idade. E Rodolfo Thomsen, ao chegar a apenas dez anos de uma idade centenária que bem merece atingir, é uma figura erecta, extremamente jovem para a sua idade, com plena vivacidade e todos os seus sentidos na mais perfeita ordem, física e espiritualmente falando. Sua memória é invejável, tanto assim que, com a idade de 87 anos, elaborou magnífica genealogia — a Genealogia da Família Thomsen-Berner, publicada nesta revista, em março de 1988.

Além de alguns pormenores

que já apresentamos com a Figura do Presente, vamos, hoje, numa renovada homenagem a este cidadão, relembrar detalhes de sua vida e acrescentar outros interessantes que hoje nos foi dado conhecer:

Rodolfo Thomsen nasceu em 16 de abril de 1901, é filho de imigrantes alemães que aqui se radicaram, residindo, inicialmente no subúrbio de Velha Central. É ele o mais jovem dos cinco filhos do casal Thomsen. Prematuramente perdeu seu pai, o que, no entanto, apesar do golpe recebido, não permitiu que o jovem Rodolfo esmorecesse nos seus objetivos de triunfar na vida. Tanto assim que aos 14 anos, após a conclusão dos estudos na Escola Primária de Velha Central, ingressou como aprendiz de gráfico na antiga Tipografia e Livraria Blumenauense. A empresa editava o jornal "Der Urwaldsbote". Trabalhou durante 4 anos, conseguindo assimilar todos os conhecimentos da arte gráfica. O conflito mundial de 1914-1918, impediu a continuidade da circulação do jornal. Como consequência, o jovem Rodolfo Thomsen ficou sem o emprego. Por isso, decidiu viajar para Porto Alegre, em busca de novas oportunidades, empregando-se na Gráfica "O Globo" aonde trabalhou durante 5 anos.

Com a experiência já adquirida, e a cultura amalhada nesta atividade, notadamente pela leitura constante de bons livros, estava apto para entrar em qualquer empreendimento, pois força de vontade não lhe faltava. Seus familiares o chamaram de volta

a Blumenau, já que, sendo o filho mais jovem, era costume entregar-lhe a responsabilidade de gerir a atividade familiar, e assim teria que entregar-se à administração da lavoura, com o cultivo da terra, que fora a atividade da família até então. Logo após haver retornado a Blumenau, Rodolfo contraiu matrimônio, em 1924, com Otilia Wehmuth. Contratou serviços para trabalhar na lavoura de propriedade da família e resolveu retornar à atividade profissional de gráfico, retornando à Tipografia Blumenauense, atendendo ao convite do sr. G. Arthur Kloeher. Em 1926 desligou-se daquela empresa e atendeu a um convite do sr. Carl Wahle para orientar a instalação da Gráfica e Livraria que tinha o nome do proprietário já citado. Trabalhou mais algum tempo com o sr. Carl Wahle e, enfim, atendendo aos seus anseios de progresso e novas conquistas na vida, decidiu estabelecer-se por conta própria. Alugou um salão de baile existente na Velha Central, nas proximidades de onde hoje acha-se o Clube de Caça e Tiro Velha Central. Anexo ao salão, instalou um pequeno negócio de gêneros alimentícios, ferreiros e tecidos, passando a atender aos moradores do lugar.

O trabalho foi árduo, e os bailes nem sempre eram harmoniosos, pois alguns atritos sempre ocorriam entre os dançarinos. E então as cadeiras eram demolidas, cujos pés eram aproveitados como arma.

Diante disso, Rodolfo Thomsen resolveu mudar de ramo. O destino o favoreceu, pois encontrou um anúncio no jornal oferecendo à venda uma fábrica de licôres e vinho de frutas da região.

As negociações chegaram a bom termo e Thomsen adquiriu a pequena indústria, toda artesanal, a qual foi instalada em sua propriedade na Velha Central. Foram construídos galpões, o vendedor da fábrica ensinou-lhe os segredos da fabricação do produto e o próprio Rodolfo Thomsen também importou da Europa alguns livros que ensinavam a preparação de fórmulas para a bebida que desejava fabricar.

A indústria começou a dar bons resultados. Adquiriu uma carroça. O sr. Thomsen atrelava os seus dois cavalos baios e com este veículo fazia pequenas viagens oferecendo seus produtos. A carroça era equipada com uma lona como cobertura, apoiada por um esqueleto oval, feito de madeira, aonde ele mesmo se abrigava das intempéries. Nestas ofertas, um dos seus clientes sugeriu que o jovem industrial fabricasse vinagre, em lugar de licor. A idéia foi bem aceita, já que por aqueles tempos, 1930, por influência da revolução, as vendas de licôres decaíam. Era preciso partir para um trabalho mais dinâmico. Thomsen abandonou a carroça e adquiriu uma camioneta pequena, um modelo "Ford-Bigode", o primitivo, com os três pedais, contendo: a embreagem, a marcha-à-ré e o freio. Não lhe tendo agradado o sistema mecânico do carro, ele próprio resolveu o problema, instalando no veículo um modelo mais avançado, ou seja, uma marcha com alavanca fixada no chão do carro, como é ainda nos dias de hoje usado nos novos automóveis.

Com mais este problema resolvido, Thomsen atirou-se à tarefa de fabricar vinagre e, com a

fábrica ainda instalada na Velha Central, chegou a bons resultados, embora ainda não suficientes para uma industrialização mais ampla. Por isso, em 1933, aproveitando o fato de que a "Fábrica de Vinagre de Guilherme Siebert" havia quase paralisado sua fabricação, ele entrou em contato com o proprietário da mesma e acertou a compra daquela fábrica.

Com mais esta aquisição, Rodolfo Thomsen transferiu sua indústria para a rua São Paulo, onde hoje ainda se localiza. Começava assim uma nova etapa na vida do empresário. A produção aumentou, o consumo também e, em face da necessidade de maior produção, era preciso também atender a uma ampla reorganização do sistema e ampliar o espaço físico. Também aumentou o quadro funcional. Isto aliado ao seu abalizado espírito de luta e perseverança, auxiliado por sua dedicada esposa, mais esta etapa foi vencida. A reorganização da indústria foi completa, os licorres tiveram amplo aperfeiçoamento tanto na qualidade como na rotulagem, pois Thomsen chegou a importar os rótulos da Alemanha, sob encomenda especial, tanto foi o zelo e a preocupação na qualidade e na apresentação dos produtos "THOMSEN". Já na produção de vinagre, as exigências não eram tão avançadas, já que o vingare, por natureza é azedo. Assim as garrafas recebiam uma rotulagem bem menor, no gargalo da mesma. Só que toda a operação era manual, tanto no engarrafamen-

to como na rotulagem. Até a colocação das tampinhas de vedação era operação manual. Mas, a indústria sempre progredia. Em 1936, houve novas ampliações físicas para o aumento de produção. A partir desta data, Rodolfo Thomsen contou com a colaboração de seu genro Martin Karsten. Em 1956 Thomsen empreendeu uma viagem de recreio à Europa. Mesmo assim, procurou conhecer novas técnicas na fabricação de vinagre. Ao regressar, aplicou novos conhecimentos adquiridos e a indústria continuou a prosperar.

Atendendo a um impulso natural advindo da cultura e conhecimentos alcançados na trajetória de sua vida, Rodolfo Thomsen passou a fazer novas pesquisas de ordem técnica, chegando inclusive a publicá-las no semanário "Brasil-Post", artigos estes que tiveram boa receptividade por parte do público.

Eis aí mais alguns detalhes da brilhante trajetória de vida do aniversariante, que chega aos noventa anos cheio de vida, entusiasmo e gosto pela própria forma de viver.

Foram muito merecedoras as homenagens que recebeu de seus descendentes e amigos no dia de seu aniversário. É o prêmio para quem sempre procurou vencer na vida ocupando o seu espaço, sem jamais tentar afastar alguém de metas paralelas aos seus objetivos. Eis porque, é ele estimado e admirado por tanta gente que o conhece.

Pensamento

— O estudo é um tesouro que ninguém pode roubar e que nunca perde o seu valor.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do «Kolonie-Zeitung» (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, Joinville, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Artigo publicado a 11 de dezembro de 1875:

SAMBAQUIS

O professor Wiener, encarregado pelo Ministério da Agricultura, em companhia do sr. C. Schreiner, naturalista e funcionário do Museu Nacional, de pesquisar os sambaquis da costa meridional do Brasil, recebeu o seguinte relato do sr. Ladislau Netto, diretor do Museu Nacional.

«As opiniões dos raros peritos no assunto, divergem quanto à origem do sambaquis. Tudo indica, no entanto, que estas acumulações de conchas marítimas, semelhantes em tudo aos «restos de cozinha» da Dinamarca, também foram formadas pela mão do homem e amontoadas pouco a pouco, pois, misturados às cascas das conchas e às espinhas de peixe, se encontram, como nos «restos de cozinha» da Europa e da América do Norte, cacos de vasilhas toscas de barro, utensílios de pedras semelhantes aos das tribos do Interior e, enfim, esqueletos de seres humanos que parecem enterrados em diversas épocas e, conseqüentemente, se encontram nas diversas camadas de sambaquis. De acordo com as minhas recentes observações, numa grande extensão da província do Rio Grande do Sul, sobre os vestígios dos habitantes primitivos daquela região, os sambaquis ao longo da costa da Província, pareciam ser de época bem mais recente, e estas acumulações devem ter sido amontoadas durante invernos sucessivos, por tribos que, fugindo ao frio rigoroso das planícies do Interior, procuravam o clima ameno da costa, onde durante mais ou menos quatro meses, se dedicavam exclusivamente à pesca, que lhes fornecia fartas provisões para o seu regresso. E mais eu me convenci desta minha suposição, quando, nas escavações feitas em alguns sambaquis do Rio Grande do Sul, notei que ali prevaleciam justamente espinhas de peixes que aparecem de preferência na temporada do inverno. Peço a sua especial atenção para este fato e cito, como prova cabal da origem dos sambaquis, os sinais de fogueiras encontradas nas camadas interiores destes montes artificiais, sobre os quais, provavelmente, os selvagens acendiam as suas fogueiras noturnas, como ainda hoje o fazem nas costas das províncias do Paraná e do Espírito Santo, em alguns lugares mais avançados que eles escolhem para as grandes pescarias do inverno, da mesma maneira como os seus antepassados. Outro detalhe dos mais importantes para o esclarecimento da origem dos sambaquis, é a posição dos esqueletos dos mortos dessas tribos nômades, durante a época da pescaria.

Nas diferentes camadas devem existir cacos de vasilhames de barro e mesmo vasilhas inteiras, formatos e enfeitos toscos, idênticos àqueles que encontrei nas escavações em diversos pontos da província do Rio de Janeiro».

(A coleção completa do «Kolonie-Zeitung» faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville).

Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos

Termos do Livro de Tombo (XX)

Pe. Antônio Francisco Bohn

ANO DE 1960

(1) Circular do Sr. Bispo sobre Visitas Pastorais, em 17.01.

(2) Circular sobre os 4 decanatos: Catedral de Joinville, matrizes de Blumenau, Rio do Sul e Mafra, em 22.01.

(3) Circular sobre rifas públicas e confissões, em 19.03.

(4) Circular sobre missas «pro populo», em 20.04.

(5) Provisão de vigário em favor de Fr. Bráz, em 24.02.

(6) Provisões em favor dos coadjutores, em 20.02.

(7) Provisão do Uso de Ordens, em 20.02.

(8) Faculdades dadas aos coadjutores, em 20.02.

(9) Provisão das capelas, em 20.02.

(10) Circular sobre orações, esmolas, taxas e Dia Eucarístico, em 20.04.

(11) Provisão de Uso de Ordens em favor de Fr. Antonino Zimmermann, em 07.04.

(12) Nomeação de Fr. Efrém como confessor extraordinário das Irmãs Franciscanas de S. José de Indaial, em 21.06.

(13) Circular sobre o Movimento do Mundo Melhor e retiro para o clero, em 21.05.

(14) Nomeação de Fr. Bráz como confessor extraordinário das Irmãs da Divina Providência de Blumenau, em 09.10.

(15) Nomeação de Fr. Cuniberto Hoernig como confessor ordinário das Irmãs da Divina Providência de Blumenau, em 09.10.

(16) Provisão e Faculdades em

favor dos coadjutores, em 09.10.

(17) Circular sobre o Mundo Melhor, provisões e taxas, em 22.12.

Crônica de 1960

(18) Invocação do Divino Espírito Santo, em 01.01.

(19) Comunhões pascais coletivas na matriz, de 13.03 a 10.04.

(20) Campanha de auxílio aos flagelados nordestinos, de 10 a 24.04.

(21) Festa na Itoupava Norte pró-construção da Igreja, em 23/24.04.

(22) Festa do Divino Espírito Santo na matriz (sem data).

(23) Festa e procissão de Corpus Christi, em 16.06.

(24) Curso de canto orientado por D. Gregório, de 03 a 09.06.

(25) Ordenação sacerdotal dos padres Irineu Lueckmann e Jacó Anderle, na matriz, em 03.07.

(26) Jubileu de Ouro de Mons. Luiz Kapmann, capelão do Hospital Sta. Isabel, em 10.07.

(27) Te Deum de ação de graças, em 31.12.

(28) Fundação do Centro Catequético na matriz, em 05.10.

(29) Movimento religioso de 1960:

Batizados (2.088), casamentos (383), comunhões (163.873), 1^{as}. comunhões (1.313).

ANO DE 1961

(1) Circular sobre Curso do Mundo Melhor, em 31.01.

(2) Provisão de vigário em favor de Fr. Bráz, em 23.02.

(3) Provisão aos 5 coadjutores, em 28.02.

(4) Faculdades em favor dos sacerdotes, em 23.02.

(5) Provisão do Uso de Ordens, em 28.02.

(6) Provisão de transmissão do Uso de Ordens, em favor de Fr. Ernesto Emmendoerfer, em 28.02.

(7) Nomeação dos confessores ordinários para as Irmãs Franciscanas de São José (Colégio S. Antônio e Hospital S. Antônio), Divina Providência (Hospital S. Isabel e Colégio S. Família) e Providência Divina de Cap (Garcia), em 28.02.

(8) Nomeação dos confessores extraordinários para as Irmãs da Divina Providência, Irmãs Franciscanas de São José e Irmãs Franciscanas Bernardinas de Massaranduba, em 28.02.

(9) Provisão dos Conselhos de Fábrica da matriz e capelas, em 22.07.

(10) Faculdades de missionário em favor de Fr. Bráz, em 27.07.

(11) Circular do Sr. Bispo sobre diversos assuntos, em 23.03.

(12) Circular sobre a «Mater et Magistra» e outros assuntos, em 19.10.

(13) Circular sobre Aniversário do Papa, oração da bênção, revista Painel Brasileiro, em 03.10.

(14) Provisão de criação a paróquia Nossa Senhora da Glória, no bairro Garcia, em 26.10.

(15) Circular sobre diversos assuntos, em 06.11.

(16) Invocação ao Divino Espírito Santo, em 01.01.

(17) Fr. João Maria é nomeado 1º pároco da Glória, em 01.01.

(18) Ordenação de Fr. Clarência Neotti na matriz, em 06.01.

(19) Visita de D. Armando Lombardi, núncio apostólico no Brasil à paróquia, em 24.04.

(20) Festa do Divino Espírito Santo, em 21.05. Dom Quirino

Schmitz dá a bênção na monumental escadaria da matriz.

(21) Reunião do clero da diocese na paróquia, em 27.07.

(22) Missões na paróquia preparadas pelos padres missionários Redentoristas, de 29.07 a 21.08.

(23) Lançamento das pedras fundamentais das Igrejas de: Itoupava Norte (16.04), Ribeirão Branco (14.05), Escola Agrícola (18.06), Badenfurt (25.06), Velha Grande (24.07), Beco Chapecó (06.08) e Capim Volta (15.10).

(24) Comemoração do Natal nas capelas em 25.12. Encerramento da catequese.

(25) Te Deum de ação de graças, em 31.12.

(26) Movimento religioso de 1961:

Batizados (1.644), casamentos (420), comunhões (234.000), 1ªs. comunhões (1.279).

ANO DE 1962

(1) Provisão de vigário em favor de Fr. Bráz, em 06.02.

(2) Provisão aos coadjutores, em 01.03.

(3) Faculdades em favor do vigário e coadjutores, em 01.03.

(4) Provisão de Uso de Ordens, em 01.03.

(5) Circular sobre Divórcio, Campanha Anticomunista e Estatística, em 12.02.

(6) Provisões dos Conselhos de Fábrica das capelas, em 23.02.

(7) Circular sobre reunião do clero, taxas e coletas, em 15.03.

(8) Circular sobre os Evangelhos, Mundo Melhor, Aleluia, Revista P. B., em 30.04.

(9) Circular sobre Aliança Eleitoral, Sindicalismo, Sacramentos e outros assuntos, em 15.05.

(10) Provisão de Uso de Ordens e faculdades, em 05.07.

(11) Provisão de coadjutor em

favor de Fr. Agnelo Ocking, em 30.08.

(12) Nomeação dos confessores ordinários das Irmãs, em 30.08.

(13) Nomeação dos confessores extraordinários das Irmãs, em 30.08.

(14) Licença para a bênção da imagem de Santo Antônio para a Igreja da Itoupava Norte, em 11.11.

Crônica de 1962

(15) Invocação do Divino Espírito Santo, em 01.01.

(16) Criação da Escola Paroquial em 03.03.

(17) Criação da Associação Social da Paróquia em 24.03.

(18) Jubileu de Prata da Congregação Mariana, em 01.05.

(19) Festa do Divino Espírito Santo, em 10.06.

(20) Esclarecimento lido nas missas a respeito de uma missa de 7º dia celebrada no hospital Santa Isabel, em 19.11.

(21) Te Deum de ação de graças, em 31.12.

(22) Movimento religioso de 1962.

Batizados (1.821), casamentos (367), comunhões (227.000), 1ªs. comunhões (1.003).

ANO DE 1963

(1) Provisão de vigário, em 02.02.

(2) Faculdade de transmissão de Uso de Ordens, em 26.02.

(3) Provisão dos coadjutores, em 26.02.

(4) Faculdades em favor dos coadjutores, em 26.02.

(5) (Provisão de Uso de Ordens em 26.02.

(6) Nomeação de Fr. Fulgêncio como confessor extraordinário das irmãs da Divina Providência do Colégio S. Família, em 06.03.

(7) Circular sobre diversos assuntos internos, em 04.04.

(8) Invocação ao Divino Espírito Santo, em 01.01.

(9) Colocação da última pedra na torre da matriz, em 06.01.

(10) Colocação da cruz de 1.200 quilos no alto da torre, em 14.02.

(11) Representação da «Vida, Faixão e Morte de Nosso Senhor» no Teatro Carlos Gomes, em 16.04.

(12) Primícias de Pe. Paulo Murphy na matriz, em 28.04.

(13) Chegada e recepção das autoridades para a inauguração da torre da matriz, em 31.05. O sr. José Ferreira da Silva faz a saudação de boas-vindas.

(14) Inauguração da torre, em 01.06. Conclusão das obras de construção da Igreja Matriz.

(15) Permissão para a construção de um prédio de dois pavimentos na rua XV, em 17.06.

(16) Jubileu de prata de Fr. Fulgêncio e Fr. Bráz. Inauguração de uma placa comemorativa na base da torre da matriz, sendo orador o Sr. José Ferreira da Silva, em 27.11.

(17) Os dois sacerdotes recebem o título de «Cidadão Blumenauense», em 30.11.

(18) Te Deum de ação de graças, em 31.12.

(19) Movimento religioso de 1963:

Batizados (1.916), casamentos (347), comunhões (234.000), 1ªs. comunhões, (1.042).

ANO DE 1964

(1) Provisão de vigário, em 20.02.

(2) Provisões de Conselho de Fábrica e capelas, em 20.02.

(3) Provisão de coadjutores, em 21.03.

(4) Faculdades concedidas aos sacerdotes, em 20.02.

(5) Provisão de Uso de Ordens, em 11.03.

(6) Nomeação dos confessores ordinários das Irmãs, em 11.03.

(7) Nomeação dos confessores extraordinários das Irmãs, em 11.03.

(8) Circular do Sr. Bispo sobre diversos assuntos, em 23.03.

(9) Circular sobre diversos assuntos, Seminário e Vocações, em 17.04.

(10) Circular sobre assuntos internos, em 27.06.

(11) Carta da Equipe Central de Liturgia sobre o Natal, em 01.11.

Crônica de 1964

(12) Invocação do Divino Espírito Santo, em 01.01.

(13) Mudança no horário de expediente paroquial, em 01.01.

(14) Não funcionamento das barracas de café e tiro ao alvo, a partir de 01.01.

(15) Reforma nos jardins da matriz, em 01.03.

(16) Semana de estudos da JOC, de 25.01 a 02.02.

(17) Comunhões pascais coletivas na matriz, de 23.02 a 22.03.

(18) Inauguração da «Liarte» — Livraria e Arte Cristã na rua XV de Novembro, de propriedade da paróquia, em 01.03.

(19) Abertura do Curso para Noivos, em 01.03.

(20) Procissão do Senhor Morto, em 27.03.

(21) Lançamento da pedra fundamental da nova Igreja de Cristo Rei na Velha, em 12.04.

(22) Festa do Divino Espírito Santo, em 17.05.

(23) Celebração da 1ª Eucaristia de 294 crianças na matriz, em 26.06.

(24) Semana Catequética na paróquia, de 09 a 16.08.

(25) Início dos trabalhos de a-

jardinamento da praça da matriz, em 13.07.

(26) Conclusão do ajardinamento e calçamento da praça da matriz, em 20.12. Descerramento do busto do Pe. José Maria Jacobs.

(27) Te Deum de ação de graças, em 31.12.

(28) Movimento religioso de 1964.

Batizados (1.783), casamentos (395), comunhões (283.000), 1^{as}. comunhões (986).

ANO DE 1965

(1) Ata de tomada de posse do novo pároco Fr. Francisco Freise, em 21.02.

(2) Decreto de criação da paróquia de São Ludgero em Pomerode, em 05.05.

(3) Decreto de criação da paróquia de Nossa Senhora Aparecida na Itoupava Norte, em 05.05.

(4) Decreto de incorporação da capela São José, de Testa Salto, à paróquia São Ludgero de Pomerode, em 28.08.

(5) Provisões e faculdades aos sacerdotes, em 25.02.

(6) Diversas circulares do Sr. Bispo: Episcopado, Seminário, Presbitério, Curso de moral, em diversas datas.

Crônica de 1965

(7) Tomada de posse do Pe. Ernesto Preti na paróquia de Pomerode, em 16.05.

(8) Tomada de posse do Pe. Lino Mees, na paróquia da Itoupava Norte, em 23.05.

(9) Festa do Divino Espírito Santo, em 06.06.

(10) Ordenação Sacerdotal de Pe. Lucas Pereira na matriz, em 27.06.

(11) Preceito dominical válido a partir do meio-dia de sábado, em 01.09.

(12) Jubileu de Prata de Fr. Efrém Mrozek, em 24.11.

(13) Diversos melhoramentos e realizações na matriz e em diversas capelas, em diversas datas.

(14) Te Deum de ação de graças, em 31.12.

(15) Movimento religioso de 1965.

Batizados (1.569), casamentos (306), comunhões (239.000).

ANO DE 1966

1) Provisões e faculdades em favor de Fr. Francisco Freise e cooperadores, em 01.01.

(2) Realização a Campanha da Fraternidade nas paróquias da diocese.

(3) Passagem da imagem de N. S. Aparecida pela paróquia, em 25.05.

(4) Festa do Divino Espírito Santo, em 29.05.

(5) Primícias do Pe. José Antônio Flesch, em 14.08. Primeiro filho de Blumenau ordenado sacerdote.

(6) Retiro e Curso do Mundo Melhor, em 10.09.

(7) Inauguração do novo prédio da Escola Paroquial São Paulo Apóstolo, em 16.10.

(8) Nova lei do jejum aos fiéis, no advento de 1966.

(9) Realizações na paróquia:— Nova Escola Paroquial, altar-mor conforme indicações de Gottfried Boehm, sacrário de mármore. Melhorias nas capelas de Cristo Rei, Salto Weissbach, Badenfurt, Capim

Volta; Comprado um terreno na Vila Nova para construção de futura matriz.

(10) Movimento religioso de 1966:

Batizados (1.341), casamentos (291), comunhões (256.790).

ANO DE 1967

(1) Histórico de Fr. Efrém Mrozek que assume a paróquia em substituição de Fr. Francisco Freise que viaja para a Alemanha, em 02.02.

(2) Visita Pastoral de D. Gregório à paróquia de 16.09 a 26.09.

(3) Nomeação de Fr. Efrém Mrozek novo pároco da Paróquia, em 06.10.

(4) Provisão e tomada de posse do novo pároco, em 06.10.

(5) Movimento religioso de 1967: Batizados (1.297), casamentos (216), comunhões (266.200).

(6) Te Deum de ação de graças, em 31.12.

ANO DE 1968

(1) Tomada de posse do novo pároco Fr. Bernardo Hoelscher, em 25.02.

Nota de conclusão: Encerrado o 3º livro de Tombo com este registro. Os três livros originais da paróquia de São Paulo Apóstolo estão desaparecidos. As cópias xerocadas existentes estão no Arquivo Histórico da Fundação «Casa Dr. Blumenau» e, registre-se aqui o agradecimento pelas novas cópias gentilmente cedidas por esta Instituição à paróquia.

Curiosidade

— A via Láctea, na qual está incluído nosso Sol, tem um diâmetro de 600.000.000.000.000.000 (seiscentos cinquinhões) de milhas.

DESTAQUES DO PERÍODO

Quatro novos lançamentos significativos marcaram o período. O primeiro deles é a segunda edição de «O Cidadão de Três Pátrias», de José Gonçalves, em edição da Fundação «Casa Dr. Blumenau». O livro contém o depoimento do sargento Curt Max Lebrecht, que participou da II Guerra Mundial, inclusive da invasão da Normandia pelas tropas aliadas e que depois se fixou em Blumenau, onde veio a falecer. Em linguagem clara, onde está presente a notória inclinação do autor para as narrativas, o personagem desvenda aos olhos do leitor a sua vida, tendo como pano de fundo os acontecimentos que marcaram a Europa desde a ascensão de Hitler até o final do conflito e depois. Procurando manter a extrema fidelidade ao pensamento do personagem, Gonçalves foi muito feliz, captando com perfeição os momentos dramáticos, tristes e perigosos de uma existência atribulada, não faltando mesmo alguns poucos episódios repletos de humor. É também um livro curioso porque desvenda acontecimentos em geral «esquecidos» na historiografia oficial e que vêm enriquecer a crônica daquele conflito mundial. Como aconteceu com a primeira edição, não tenho dúvida de que também esta não tardará a ser consumida pelos aficionados da boa narrativa.

«Poema Minuto» — A Poética do Tempo», de José Endoença Martins, também em edição da Fundação «Casa Dr. Blumenau», reúne na primeira parte cinco pequenos ensaios do autor sobre a «teoria possível» do poema minuto, onde ele busca discutir o tema em seus variados enfoques. Na segunda parte os ensaios reunidos são de outros autores, todos focalizando a poética do próprio autor do livro — é a «crítica possível». Aqui o debate se espalha a novos ângulos, agora na visão de outros analistas e tendo sempre em conta a produção poética de José Endoença, intrigante, inovadora, criativa e polêmica. Na última parte, por fim, aparece a visão do autor da obra de outros poetas, como Quintana, Drummond e outros. É o capítulo da «literatura possível». Trata-se, como se vê, de uma obra **sui generis**, rica em informações e sugestões, uma leitura cativante para os que apreciam desvendar segredos da teoria literária ou sentir os efeitos da poesia de vanguarda. E também para os curiosos em geral.

Registro ainda «Senhora do Meu Desterro», de Flávio José Cardozo (Lunardelli/Fundação F. Cascaes), coletânea de deliciosas crônicas relacionadas à Capital e publicadas em sua homenagem por ocasião do aniversário. E, por fim, uma palavra sobre «Juaninha», de Paulina Curbani Leite (Edição da Autora), contendo a história verdadeira de sua vida, num relato biográfico cheio de espontaneidade e ternura.

LIVRO JURÍDICO

Está circulando a segunda edição do livro «Da Assistência Jurídica Integral e Gratuita», de Artêmio Zanon, meu colega de Ministério Público e também contista e poeta. Publicada pela Editora Saraiva, de São Paulo, a obra tem merecido os mais elogiosos comentários e vem sendo muito citada em pendências judiciais. Mereceu há pouco tempo um comentário do jurista Walter Ceneviva, na «Folha de S. Paulo».

CURIOSIDADE LITERÁRIA

Pouca gente sabe, mas o célebre romance «A Bagaceira», de José Américo de Almeida, teve uma edição em esperanto na cidade catarinense de Chapecó, e que vem registrada com todos os detalhes em apêndice da edição crítica do referido romance, publicada em 1989. Publicada em 1985, a edição em esperanto foi traduzida do português por Geraldo Mattos e recebeu o título de «La Bagasejo.»

SÓCIO-CORRESPONDENTE

Recebi a informação, através do acadêmico Orlando Parahym, de que a Academia Pernambucana de Letras, pela unanimidade de seus integrantes, acaba de me designar seu sócio-correspondente. Será para mim uma honra representar aqui a Academia de um Estado onde tenho tantos amigos e pelo qual nutro antiga simpatia.

EVENTOS E NOTÍCIAS

O jornalista Luthero Maynard, resenhista de livros da «Folha da Tarde», de São Paulo, publicou em sua coluna uma nota a respeito da «Revista de Divulgação Cultural», órgão da FURB, elogiando-a pelo excelente conteúdo.

Realizou-se no Salão de Festas do Clube Doze, em Florianópolis, o lançamento do livro «História Sócio-Cultural de Florianópolis», promovido pelo referido Clube, pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e pela Editora Lunardelli. Na ocasião aconteceu um sarau musical com músicas brasileiras e açorianas. Voltaremos a tratar desse livro.

Está circulando o número 38, correspondente ao mês de março, do Suplemento Literário A Ilha, editado pelo grupo do mesmo nome, da cidade de Joinville, tendo à frente o incansável Luiz Carlos Amorim. Este número é integralmente dedicado à poesia e traz versos de diversos poetas conterrâneos.

Flávio José Cardozo lançou, nas dependências da Câmara Municipal de Florianópolis, o livro de crônicas «Senhora do Meu Desterro», ao qual aludimos acima. O evento foi promovido pela Prefeitura da Capital e pela Editora Lunardelli.

Iaponan Soares acaba de assumir a Diretoria de Arte da Funda-

ção Catarinense de Cultura. Com ele continuarão trabalhando Silveira de Souza, Flávio José Cardozo e Pinheiro Neto.

Realizou-se na Galeria Municipal de Artes, em Blumenau, o lançamento coletivo de livros de autores da região, do qual participei com meu «O Perto e o Longe», vol. 2, impresso pela Fundação «Casa Dr. Blumenau».

Está em projeto a visita a Blumenau do crítico Fábio Lucas, ocasião em que fará uma palestra relacionada com o problema do livro, há pouco abordado por ele no volume «Crepúsculo dos Símbolos», com enfoque, também, da atual literatura catarinense.

Está em excelente nível o suplemento «Anexo», do jornal «A Notícia», publicado aos domingos, agora com a competente editoria da jornalista Néri Pedroso.

E para concluir, um poema ecológico de Hildemar de Araújo Costa:

DEVASTAÇÃO

Hildemar de Araújo Costa

Na fome de progresso dos humanos
a Natureza perde o seu fascínio.
E o trabalho do tempo em vários anos,
encontra nos minutos o declínio.

Não só desmatamento causa danos
mas também poluentes sem domínio.
Se o mar paga a loucura dos insanos,
a terra sente a fúria do extermínio.

Na floresta o carvalho centenário
pressente no machado involuntário,
a força originária do mortal.

Mas a árvore sofrida e sempre boa
num gesto de nobreza ela perdoa,
quando abraça o carrasco em funeral.

Pensamentos

- Dai-me, Senhor, coragem para que possa mostrar-me digno de haver sido criado à Vossa imagem.
- O amor só conhece sua própria profundidade na hora da separação.

ANTIGOS MORADORES DO DESTERRO

(Subsídios Genealógicos)

Antônio Roberto Nascimento

Manoel Bicudo Camacho, natural de Curitiba, filho legítimo de Antônio Bicudo Camacho, já falecido, e de Maria dos Passos, casou, aos 20.1.1720, com Paula Moreira, batizada no Desterro, filha legítima de Domingos Lopes Sertão e de Paula Moreira, segundo se vê no primeiro livro de casamentos da Matriz de N. S^a do Desterro. Outra filha de Domingos Lopes Sertão e de Paula Moreira, pela mesma época, casou com o Dr. (?) Manoel da Costa de Siqueira, filho legítimo do finado Pedro dos Anjos e de Maria de Assunção.

Um Luiz Martins, natural de Albuquerque de Sousa, Reino de Algarve, casou com Antônia de Sousa, natural do Desterro, viúva de Domingos Antônio Rochadel, tendo por testemunhas Martinho de Amorim e de Francisco Antônio Branco, entre 1720 e 1726 (id. ib.).

Aos 06.1.1726, em cerimônia realizada pelo Frei Agostinho da Trindade, casou Francisco Machado Pereira (v. O. R. CABRAL Raízes Seculares de Santa Catarina, p. 19), natural da Ilha de S. Jorge, filho legítimo de Bartholomeu Pereira de Fontes e de Maria Machado, com Mariana de Quintal, natural do Desterro, filha legítima do Capitão Domingos Carvalho Quintal (ob. cit., p. 20) e de sua mulher Sebastiana Fernandes Camacho (primeiro livro de casamentos da cit. Matriz).

Um Antônio João, natural da Cidade de Lisboa Ocidental, casou, por volta de 1840 (id. ib.), com Páscoa Rodrigues, natural do Des-

terro, viúva de Guilherme Pacheco, tendo por padrinhos Francisco Antônio Branco e Luiz Martins.

Também pela mesma época (id. ib.), casou um Jerônimo de Sousa, natural do Desterro, com Ana da Silva, natural da Cidade do Rio de Janeiro, tendo por testemunhas Martinho de Amorim, natural da Vila do Conde, e Pascoal Pereira, natural da Cidade do Porto. Esse Martinho seria filho de Francisco de Amorim Pereira e de Ventura Pereira, tendo sido casado com Angélica Maria do Rosário (CABRAL, ob. cit., p. 103).

Aos 27.4. 1740 (liv. eclesiástico cit.), casou Manoel Barbosa, enviado para a Ilha de San'a «para sentar praça» (CABRAL, ob. cit., p. 140), com Isabel Rodrigues de Mira, viúva, natural do Desterro, tendo por testemunhas Francisco Antônio Branco, natural do Reino de Galiza, e Manoel Rodrigues de Araújo (v. ob. cit., pp. 7 e 8).

Pela mesma época, um Dionísio da Fonseca, natural da Vila de S. Vicente, casou com Bárbara Gonçalves, natural do Desterro, sem outras notícias (1^o liv. cit.).

Um Bento Correia, natural da Ilha Grande, casou pela mesma época, com... Luiz, natural do Desterro, igualmente sem mais referências (Primeiro livro de casamentos da Matriz de N. S^a do Desterro).

Ventura Fagundes, natural da freguesia, de S. João de Taberna (?) «deste Bispado» (sic), casou com Justa Lopes, natural da Vila de Goratinga (?), também «deste

Bispado» (id. ib.). No primeiro livro de óbitos da Matriz de N. S^a. do Desterro, encontra-se o obituário desse Ventura Fagundes, aos 07.8.1797, quando tinha 80 anos «pouco mais ou menos», já viúvo, «por amor de Deus» (gratuitamente), que deixou duas filhas de maior idade.

Antônio de Araújo Borges, natural da Vila de Freixal, Arcebispado de Braga, casou, pela mesma época, com Luzia Gonçalves, natural do Desterro, tendo por testemunhas Francisco Antônio Branco e João José da Silveira (1^o liv. cit.).

Inácio de Azeredo, natural da freguesia de N. S^a de Macacu de Fora do Rio de Janeiro (?), casou com Estella Soares, natural do Desterro, pela mesma época, tendo por padrinhos Francisco Antônio Branco, natural de Muros, Bispado de S. Thiago (id. ib.).

Lourenço Rodrigues Pallácio, natural do Desterro, casou, nesse tempo, com Domingas Rodrigues de Sousa, também natural do Desterro, com quem teve a filha Ana, batizada aos 06.3.1755 (Primeiro livro de batismos da Matriz de N. S^a. do Desterro).

Francisco de Leiva, natural da freguesia de Santa Maria da Cidade de Sevilha, Reino da Espanha, casou com Mariana Rosa Abreu, natural da Cidade de S. Paulo, sendo testemunhas Bernardo José da Costa, natural da Sé de Lisboa, e o Capitão Antônio de Livramento Bastos, conforme registro eclesiástico desse tempo.

Antônio Monteiro de Siqueira, natural da Vila de Paranaguá, casou, pela mesma época, com Catarina Rodrigues Pallácio, natural do Desterro, com quem teve a fi-

lha Inocência, batizada aos 08.1.1753 (1^o livro de batismos cit.).

Inácio Alves, natural da Vila da Conceição, casou, por esse tempo, com Inês Ribeira, viúva de Manoel Alves Leitão e natural da Vila de Iguape (1^o liv. de casamentos cit.).

Domingos de Almeida Pais, natural da Vila de Santos, casou, aos 15.5.1742 (id. ib.), com Esmênia Rodrigues, natural da Vila de Cananéia, tendo por testemunhas o Capitão João Bicudo Cortez, natural de Desterro, e o Capitão Antônio da Silveira Bastos, natural de Lisboa.

Um Manoel Ferreira, natural da freguesia de João de Tajuahy (?), casou, aos 04.2.1743 (1^o liv. de casamentos cit.), com Quitéria Gomes, filha legítima de João Maciel e de Rosa Maria, sendo ele filho natural de Manoel Ferreira de Sousa e de Maria da Silveira.

Sebastião Correia, viúvo, natural da Vila de Labam, Reino de Espanha, casou, aos 29.7.1743, com Ana Fernandes, natural do Desterro, viúva de Francisco José de Sousa (id. ib.), sendo testemunhas José Mendes de Góis, natural de Lernada (?) do Bom Jardim. Termo da Vila do Sertam, e José Inácio Souto Maior, natural da Vila de Múrcia, Reino de Galiza (v. CABRAL, ob. cit., p. 16).

Aos 08.5.1740 (1^o liv. de casamentos cit., de 1714 a 1775), casou João Rodrigues, viúvo de Aguida, natural da Vila Nova de S. Jorge, com uma filha de Antônio Pereira Nunes e de sua mulher e cujo nome não logramos descobrir.

Aos 10.4.1749, casou João Henrique, natural da Vila de Cananéia, filho de Antônio Henriques e de Clara Teixeira, com Rosa Joaqui-

na, natural da Ilha Terceira, filha de pais incógnitos (id. ib.).

Inácio Pereira, natural da Vila do Parati, filho legítimo de Roberto Nunes e de Luzia do Couto, casou, aos 03.7.1743, com Ambrósia de Sousa, natural da Vila de Cananéia, filho de um Sousa e de Bernarda Rodrigues (id. ib.).

Aos 05.5.1743 (id. ib.), Antônio Leite, natural da Barra da freguesia de S. Marinho, Arcebispaço de Braga, filho legítimo de João Álvares e de Domingas Martins, casou com Joana Francisca dos Passos, filha de Thomé Francisco dos Passos e de sua mulher.

Antônio Gonçalves Bixo, casado com Luiza Maria, filho legítimo de Antônio Gonçalves Vieira e de Rosa dos Santos, natural da Ilha Terceira, faleceu aos 02. 6.1798 (1º livro de óbitos da Matriz de N. S^a do Desterro), deixando 10 filhos.

Aos 17.10.1797 (id. ib.), faleceu D. Maria do Nascimento, filha do Capitão Gabriel Ferreira da Cunha e de D. Antônia Maria Ferreira da Cunha, natural do Desterro, casada com o Capitão Antônio José Fernandes, deixando três filhos menores.

Já aos 27.10.1797, falecia Luiza Maria de Jesus, natural do Desterro, de 42 anos, filha de José Gomes Prattes e de Maria Gomes, casada com o Alferes Custódio José da Silva Barbosa, deixando sete filhos (id. ib.).

Aos 21.11.1797, lavrou-se o Obituário de Francisco, de 40 dias, exposto em casa de Antônio Alves Marinho, bem como o de Francisco Alves de Castilhos, natural do Rio S. Francisco, filho de Antônio Alves, «soldado do Regimento desta Praça» (1º liv. de óbitos cit.).

Aos 23.8.1797, falecia Francisco Machado Pereira, de cerca de 60

anos, «em casa de Estácio Borges», casado com Ângela Maria, com quem teve uma filha maior, sendo «moradores na ponta da Caicanga» (id. ib.).

Manoel Jaques de Alenquer, de 70 anos, foi sepultado na Capela de São Francisco, aos 28.9.1797 (id. ib.), tendo sido casado, em primeiro matrimônio com Catarina de S. José, com quem teve oito filhos, e, em segundo leito, com Genoveva de Jesus, com quem não teve descendência. Era natural da Ilha Terceira, morava na Lagoa, sendo filho de Amaro Omem e de Maria da Conceição (CABRAL, Raízes cit., p. 67).

Já Manoel Machado da Silveira, morto na freguesia de S. Miguel, aos 03.10.1797, com 80 anos, natural da Vila das Velhas da Ilha de S. Jorge, foi casado, em primeiras núpcias, com Joana de Tal, com quem teve o filho André Machado, e, em segundo matrimônio, com Teresa Rosa de Jesus, com quem teve descendência igualmente. Cremos que fosse o natural da freguesia de N. S^a do Rosário da Ilha de S. Jorge, filho de Manoel Silveira Pacheco e de Ana Goularte (ob. cit., p. 128).

O Alferes Antônio Manoel de Andrade, natural do Rio de Janeiro, filho de Manoel Antônio de Andrade e de D. Maria Portela (?), também foi sepultado na Capela de São Francisco, aos 07.8.1797, quando tinha 50 anos, tendo sido casado com D. Sebastiana Maria Castello Branco (1º liv. de óbitos cit.).

Em S. Miguel da Terra Firme, moravam Raimundo Correa da Silva, filho de Manoel Correa dos Santos e de Beatriz da Silva, naturais da Ilha Graciosa, e sua mulher Ana Maria, filha de Jerônimo de Biten-court e de Josefa Maria, conforme

batismo da filha Justina, aos 08 de julho de 1800 (Livro n. 1 da Capela de S. Miguel).

Também lá moravam Aurélio Antônio, filho de Antônio Inácio, natural da Ilha Graciosa, e de Rosa Inácia, natural do Desterro, e sua mulher Inácia Rosa, filha de Antônio Francisco e de Rosa Inácia, naturais da Ilha Terceira (id. ib.), segundo o batismo da filha Maximiana, aos 24.8.1800.

Manoel Machado Gallo, natural da freguesia de S. Pedro da Ilha Terceira, Bispado de Andra, filho de Domingos Machado e de Ana do Espírito Santo, foi casado com Sebastiana do Rosário, natural da freguesia das Quatro Ribeiras de Santa Beatriz, filha de Alexandre Machado e de Maria de S. José, segundo o batismo do filho João, aos 07.12.1755 (2º. livro da Matriz de N. S^a. do Desterro). Um filho desse casal, João Machado Gallo, foi casado com Rosaura da Encarnação, filha de Caetano de Tal e de Maria das Candeias, com quem teve, de sua vez, o filho José Machado Gallo, também natural do Desterro, casado, aos 30.5.1804, com Maria Joaquina, natural da freguesia de N. S^a. das Necessidades, filha de João Vieira e de Maria Joaquina (4º. livro de casamentos da cit. Matriz).

Anastácio Silveira de Sousa, filho de Francisco Silveira de Sousa (CABRAL, ob. cit., p. 130), foi casado com Rufina Clara de Santo Antônio, com quem teve, além do filho Thomás Silveira de Sousa (v. Dicionário Político Catarinense, p. 555), o filho Anastácio Silveira de Sousa Júnior, que não usava o agnome, casado, por seu turno, com D. Thomásia Maria Ricardo, natural da Vila de Abrantes, filha de José Antônio de Carvalho e de D. Joa-

quina Pessoa, aos 07.6.1807 (4º. liv. cit.).

José Silveira de Sousa, natural da Vila de Porto Alegre, filho de Miguel Silveira de Sousa e de Bernarda Severina, casou com Luiza Francisca, natural do Desterro, filha de Silvério Francisco Pereira e de Francisca Rosa, aos 02.2.1809 (id. ib.).

Luiz Vieira Arzão e Inácia Peres da Silva tiveram a filha Rosa Maria do Nascimento casada, aos 22.4.1782, com José Machado Batista, natural de S. José da Terra Firme, filho de Pedro Machado e de Antônia Batista (id. ib.).

Antônio Silveira de Sousa, filho de Manoel Silveira Leitão e de Ana do Rosário, casou, aos 22.9.1782, com Jacinta Rosa, filha de João de Sousa de Moraes e de Josefa Clara (id. ib.).

Aos 12.8.1744, José Pereira, filho de Clemente Pereira e de Benta Vieira, todos naturais do Rio de S. Francisco, casou com Rita da Ribeira, filha de Francisco Monteiro e de Ana da Ribeira (1º. liv. de casamentos da Matriz de N. S^a. do Desterro).

Antônio Francisco Muniz Barreto, natural da Ilha de S. Miguel, foi casado com D. Rita Caetana de Sousa, natural da Sé do Salvador da Cidade de Angra, de acordo com o batismo do filho João, aos 14 de setembro de 1754, tendo por padrinhos o Capitão Jacinto Jaques Nicós e a invocação de N. S^a. do Rosário. Desse casal se diz, não sem razão, ter nascido catarinense o Dr. Luiz Carlos Muniz Barreto, doutorado em Coimbra e morto em 1791, quando era Ouvidor (CABRAL, História, 1970, p. 43).

Manoel Francisco Garcia e Ana da Trindade, naturais da Ilha da Luz (?) e moradores na Praia Com-

prida, tiveram a filha Ana, batizada aos 04.4.1752, (1º. liv. de batismos da Matriz de N.ª S.ª. do Desterro).

Francisco Pereira Mancebo, natural da Ilha do Pico, filho de Francisco Pereira Evangélico e de Catarina Vieira, foi casado com Catarina Thomásia, natural da Ilha Terceira, filha de Bartolomeu Cardoso e de Ângela de Santiago, todos da Ilha Terceira, segundo o batismo da filha Rosa, aos 03.9.1755 (id. ib.).

José Botelho Medeiros, natural da Ilha de S. Miguel, filho de Manoel de Sousa Medeiros e de Maria Botelha, foi casado com Antônia do Espírito Santo, natural do lugar do Ginete na Ilha de S. Miguel, filha de Manoel de Aguiar e de Bárbara da Cruz, consoante o batismo do filho Gabriel, aos 22.9.1755 (id. ib.). Outro Manoel de Sousa Medeiros, natural da freguesia de N. S.ª. da Luz da Ilha de S. Jorge, foi casado com Ana de Santiago, natural da freguesia de S. Bartolomeu da Ilha Terceira, de acordo com o batismo da filha Mariana, aos 2.5.1752 (id. ib.). Esse casal teve o filho Manoel Antônio de Sousa Medeiros (CABRAL, Raízes cit., pp. 93-94).

Amaro Rodrigues, natural de Ouro Preto das Minas Gerais, filho de Matheus Rodrigues e de Domingas Mendes, casou com Rosa, filha de pais cujos nomes estão ilegíveis, aos 07.6.1759 (2º. livro de casamentos da Matriz de N. S.ª. do Desterro).

Gregório José de Freitas, natural de Lisboa, filho de pais incógnitos, casou, pela mesma época (id. ib.), com Maria da Silveira, natural do Rio de S. Francisco, filha de Antônio de Moura e de Maria Cardoso.

Aos 27.7.1843 (1º livro de casa-

mentos cit.), Domingos da Silva Leme, soldado, natural da Vila de Santos, filho de José da Silva e de Catarina Rodrigues, casou com Luiza Maria, filha de Pedro de Tal e de Teresa Fernandes de Sousa, todos naturais do Desterro.

Manoel Machado Gallo — também grafado «Gatto» — e Sebastiana do Rosário (v. supra) também tiveram o filho Matheus Machado Gallo, casado, aos 09.5.1782, com Maria Joaquina, filha de Antônio Rodrigues de Almada e de Clara Maria (3º livro de casamentos da cit. Matriz). No casamento do filho Antônio Manoel, aos 20.1.1782 (id. ib.), com Engrácia Maria, filha de Bonifácio Martins e de Vicência Maria, Manoel Machado Gallo, já era falecido (id. ib.).

Vicente José da Silveira, natural da freguesia de Santo Antônio da Ilha do Pico, filho de Alexandre José da Silveira e de D. Teresa Jacinta Margarida, casou, aos 29.1.1805 (4º livro de casamentos da Matriz cit.), com D. Ana Joaquina de Bittencourt, natural do Desterro, filha de José Xavier de Bitancurt e de D. Thomásia Joaquina Bitancurt.

O Alferes Manoel Gomes Pereira de Albuquerque, natural da Vila de Laguna, filho do Capitão Fernando Gomes Pereira da Silva e de D. Eugênia Maria de Albuquerque, casou, aos 02.3.1802 (idem bitem), com D. Maria Joaquina de Bittencourt de Sousa, filha do Capitão João Bittencourt Pereira Machado e Sousa e de D. Mariana Antônia de Sousa.

Manoel Francisco de Sousa Medeiros, natural da freguesia da Lagoa, filho do Capitão Antônio Francisco de Sousa Medeiros e de D. Ana Maria de Andrade, casou aos 18.4.1802 (id. ib.), com Ana

Inácia de Jesus, filha de João da Costa Pereira e de Ana Joaquina de Jesus.

João Lopes Falcão, filho de Paulo Lopes Falcão (v. H. FERREIRA DE MELO. A Família Falcão, Rev. do I. H. G. de SC n. 5, p. 167) e de Maria de Assunção, casou, aos 09.1.1804, com D. Francisca Romana da Pureza, filha do Tenente Francisco Machado de Sousa e de Ana Francisca ou Flávia de Faria (4º liv. cit.) Francisco Machado de Sousa, natural do Desterro, filho de Manoel Machado e de Maria Rosa, casara, aos 28.11.1782, com D. Ana Francisca Flávia de Faria, também natural do Desterro, filha de Manoel Gonçalves Padilha (v. nosso artigo pub. em «Blumenau em Cadernos», Tomo XXVIII, p. 196) e de D. Antônia Ribeiro de Mello. Esse último casal também teve o filho Antônio Gonçalves Padilha, casado aos 06.6.1802, com Maria Francisca de Moraes, filha de José de Moraes e de Ana Maria (id. ib.) .

Maurício Machado Gallo e Caetana dos Anjos, naturais da Ilha Terceira, tiveram o filho Joaquim Machado Gallo, já natural do Desterro, casado com Ana Maria, também natural do Desterro, filha de Salvador de Sousa e de Thovina, ou Theodora Inácia, naturais do Rio de S. Francisco, segundo o batismo do filho João, aos 11.7.1802, em S. Miguel da Terra Firme (1º liv. da Capela de S. Miguel).

José Vieira Rabello, natural da Ilha da Madeira, filho de Manoel Vieira Rabello e de Antônia dos Santos, foi casado com Faustina Joaquina, natural de S. Miguel, filha de Manoel Pai do Coxo e de Lúcia de S. José, naturais da Ilha de S. Jorge, conforme batismo da

filha Justina, aos 11.11.1801 (id. ib.).

Sebastião Machado, natural de S. Miguel, filho de Manoel Machado Gallo, natural da Ilha Terceira, e de Ana do Espírito Santo, natural da Ilha do Corvo, foi casado com Maria Francisca, também natural de S. Miguel, filha de André de Barcellos e de Francisca Maria, naturais da Ilha Terceira, conforme batismo do filho Francisco, aos 10 de janeiro de 1802, nascido aos 11.12.1801, tendo por padrinhos André de Barcellos e Rosa Inácia (id. ib.)

Joaquim Vieira Rabello, filho de Francisco Vieira Rabello e de Francisca Mariana, naturais da Ilha Terceira, foi casado com Francisca Maria do Sacramento, filha de João dos Santos de Andrade e de Joana Francisca, naturais da Ilha Terceira, de acordo com o batismo da filha Maria, aos 06.7.1801 (id. ib.).

Um Capitão José Rabello, natural da freguesia de S. João da Ilha Terceira, foi casado com D. Josefa Maria da Conceição, natural do Desterro, com quem teve a filha D. Vicência Rosa de Jesus natural de S. Miguel e lá casada, à sua vez, com Domingos Rodrigues Pereira, também natural do Desterro, filho de Bartolomeu Rodrigues Pereira, natural da freguesia de N. S^a do Caminho da Cidade de Polancos (?), Arcebispo de Sant'Iago, e de Maria do Espírito Santo, natural da Ilha do Faial, segundo o batismo da filha Maria, aos 13.6.1801 (id. ib.), tendo por padrinhos o Capitão Jacinto Jorge dos Anjos e D. Josefa Maria da Conceição. Esse último casal também teve o filho Martiniano Rodrigues Pereira (CABRAL, Raízes cit., p. 104), bem como a filha Maria da Encarnação (ob.

cit., p. 55), irmã de Escolástica Maria de Jesus (ob. cit., p. 71).

José Cardoso da Silva, natural do Desterro, «soldado do Regimento desta praça», filho de Manoel Cardoso da Silva e de Joana de Moraes Lopes, casou, aos 16.11.1781, com Brigida de Moura, natural de Paranaguá, filha de pais incógnitos (3º liv. da cit. Matriz).

Aos 27.4.1740, Isabel Rodrigues de Mira, natural do Desterro, já viúva, casou com Manoel Barbosa (1º liv. da cit. Matriz). Fora casada, anteriormente, com Baltazar Soares Louzada (CABRAL, Raízes cit., p. 15), com quem teve a filha Páscoa, mulher de João Bicudo Cortez, bem como a filha Rosa Soares, casada com Antônio Rodrigues Lisboa, natural de Lisboa, filho de Tomé Rodrigues e de Antônia do Espírito Santo (1º liv. cit. Esse Manoel Barbosa seria o desterrado que veio «para sentar praça» (CABRAL, ob. cit., p. 140). Talvez fosse filha de mãe de igual nome, Isabel Rodrigues de Mira, casada com Luiz Rodrigues Cavalinho, um dos primeiros povoadores de S. Francisco (CABRAL, Hist. cit., p. 47).

O Licenciado Bartolomeu Rodrigues Pereira (júnior), filho dos sobreditos Bartolomeu Rodrigues Pereira do Espírito Santo (v. supra), casou, em 1º.9.1787 (3º liv. de casamentos da Matriz de N. S^a do Desterro), com Vitória Maria de Jesus, filha de José Mendes dos Reis (. W. F. Piazza... Frei Agostinho da Trindade, Rev. do I. H. G. de SC 7:82) e de Maria Rita de Jesus. O primeiro Bartolomeu Rodrigues Pereira parece ter sido casado, em primeiro leito, com Paula Fernandes, natural do Rio S. Francisco, filha de Francisco Fernandes e de Maria Vieira, com

quem teve o filho Luiz Rodrigues Pereira (CABRAL, Raízes, p. 104).

Um Aurélio Gonçalves de Saibro, filho de Adriano Gonçalves de Saibro e de Joana Maria, casou, aos 04.1.1809 (4º livro da cit. Matriz), com Joaquina Maria, filha de Antônio Gonçalves do Saibro e de Bernarda Severina, talvez descendentes daquele Bento Gonçalves de Saibro, natural de Braga de 1778 (CABRAL, Raízes cit., p. 112).

Caetano Vieira Pamplona, natural da freguesia de Santa Cruz da Vila da Praia da Ilha Terceira, Bispaço de Andra, filho de João Vieira Lopes, então já finado, e de Maria dos Serafins (ob. cit., p. 12), casou, aos 25.2.1781 (3º liv. cit.), com D. Ana Francisca de Santiago, natural do Desterro, filha do Capitão Manoel de Sousa de Medeiros e de D. Ana de Santiago (v. supra), então já falecida, com quem teve o filho Manoel Vieira Pamplona, casado, aos .. 05.2.1806 (4º liv. cit.), com Maria Antônia de Jesus, filha de Francisco Antônio Correia e de Francisca Rosa Joaquina.

O sargento que desertou para Lages em 1807 (CABRAL, ob. cit., p. 104) parece ter sido o José Francisco Pereira, filho de Caetano Francisco Pereira e de Josefa Maria, casado, aos 16.6.1800 (4º liv. cit.), com Antônia Francisca, filha de Gregório Martins e de Ana Francisca, todos naturais do Desterro.

Um Pedro José da Silva, filho de Manoel da Silva e de Quitéria Duarte, casou, aos 10.10.1799, com Maria Leonarda, filha de Jacinto José Cardoso e de Maria Leonarda, sendo todos também naturais do Desterro (id. ib.)

José Vieira da Rosa, filho de

Manoel Vieira da Rosa e de Maria Jesus, casou, aos 26.4.1799, com Josefina Inácia de Jesus, filha de pais incógnitos, exposta em casa de Antônio Pinheiro (id. ib.).

Manoel Machado de Sousa, natural da freguesia de N. S^a. das Necessidades, filho de Sebastião Machado de Aguiar e de Isabel de Jesus, casou, aos 04.2.1799, com Laureana Rosa da Conceição, filha de Antônio Lourenço Rebolo e de Rosa da Conceição (id. ib.). Antão Lourenço Rebolo (CABRAL, Raízes, p. 109) era natural de Ilha Terceira, filho de Antônio Lourenço Rebolo e de Rosa Jacinta, tendo falecido aos 26.1.1810, deixando oito filhos.

José Machado, natural da freguesia de Santa Beatriz das Quatro Ribeiras da Ilha Terceira, Bisgado de Andra, filho de Antônio de Mello e de Bárbara de Jesus, foi casado com Antônia de Jesus, filha de Alexandre Machado e de Maria de S. João, com quem teve o filho André, batizado aos 13.2.1759 (2º livro de batismos da Matriz de N. S^a do Desterro).

Bento José, natural de S. Miguel, filho de Antônio José de Sousa e de Maria da Conceição, naturais da Ilha de S. Jorge, foi casada com Rita Maria, natural do Desterro, filha de Francisco Félix de Santa Ana, natural da Cidade da Bahia, e de Rita Maria, natural da Ilha Terceira, segundo o batismo da filha Felisbina, aos 28.2.1802

(1º. livro da Capela de S. Miguel). Houve, além disso, um outro Bento José de Sousa, natural do Desterro, cabo de esquadra do Regimento da Ilha em 1179, mas, sobre ser filho de José Luiz de Sousa e de Isabel do Espírito Santo — ele da Ilha do Faial, ela da de S. Jorge —, teve outro rumo. O primeiro Bento José de Sousa teve o filho José de Sousa, natural de S. Miguel, casado, aos 15.8.1811, na Capela de S. João Batista de Itapocoróia, com Narciza Antônia de Jesus, filha de Silvestre Nunes Leal e de Josefa Antônia de Jesus, do rol dos primeiros moradores da foz do Rio Itajaí (1º. liv. da Penha).

José Vieira Rabello ou Rebello foi casado com Maria da Conceição, com quem teve o filho João Correia Rabello, casado, por seu turno, com Josefa Antônia de Jesus, filha de José Machado Airoso e de Maria Antônia, naturais da Ilha Terceira, consoante o batismo da filha Caetana, aos 21.1.1801 (1º. liv. da Cap. de S. Miguel).

Maria Rosa de Jesus, natural de S. Miguel, filha de Antão Gonçalves da Costa e de Marta Maria de Jesus, naturais do Rio de S. Francisco, foi casada com Antônio de Amorim, também natural de S. Miguel, filho de João de Amorim e de Treodósia de Morais, igualmente naturais do Rio de S. Francisco, conforme batismo da filha Ana, aos 06.4.1801 (id. ib.).

Pensamentos

- A felicidade consiste em fazer-se feliz a quem se ama.
- O amor é um rei e a felicidade é uma coroa
- A vaidade e a cobiça andam de mãos dadas
- A felicidade é um intervalo do sofrimento

TOCANTINS

(Corruptela de TUCANTIM).

Hermes Justino Patrianova

Mais um compromisso - o nono,
Com "Blumenau em Cadernos"
De escrever TUPI "buono"
Para os Arquivos Modernos
Da TECA F. MÜLLER, **Bau**
Da CASA DE BLUMENAU!

Copiamos, hoje, do nosso Livro inédito - TOPÔNIMOS BRASILEIROS COM TRADUÇÃO DOS DE ORIGEM INDÍGENA - 4.000 páginas de Geografia, História e Língua Tupi, o Topônimo que segue:

T O C A N T I N S

1 — Cidade e Município do Estado de Minas Gerais, da Microrregião da Mata de Ubá.

2 — Ilha do Rio Tocantins, a jusante de Confluência do Rio Araguaia, no Estado do Pará.

3 — Rio que nasce na Serra Dourada, no Estado de Goiás, é formado pela junção dos Rios Maranhão e Paraná, serpeia, passa pelos Municípios de Porto Nacional e Pedro Afonso, atinge o Estado do Maranhão, serve de limite com o Estado de Goiás, após sua junção com o Rio Araguaia, nas alturas do Município de Marabá, entra no Estado do Pará, atravessa a sua Faixa Centro Oriental e desagua no Oceano Atlântico, abaixo da Cidade de Belém, onde sua Foz forma um Estuário — o Pará; comunica-se com o Rio Amazonas por meio de um Canal natural — o Tagipuru, formando, assim, a grande Ilha de Marajó; tem como principais afluentes, da margem direita, os rios Manuel Alves da Natividade, Sono, Manuel Alves Pequeno, Manuel Alves Grande, Farinha e outros e, da margem esquerda, os rios Santa

Teresa, Araguaia (seu maior afluente e coadjuvante do nome), Itacolunas e outros; seu curso é de 2.850 quilômetros, bastante acidentado, mas navegável em grande parte; formando, o terreno, na parte interna da junção com o Rio Araguaia, um grande BICO DE TUCANO, que lhe dá o nome TUCANTIM.

4 — Rio da Faixa Sul-Occidental do Estado do Pará, que nasce em região montanhosa e desagua na margem esquerda do Rio Jamankim, depois do Curso de 325 quilômetros.

ORIGEM TUPI: TUCANA = TUCAN. (Tucano, ave da família dos *Ranfastídeos* (*Ranfastus bicolorus*) e outras espécies, caracterizada por seu bico descomunal, correspondente a um terço do corpo) + TI = TIM (Bico, nariz, focinho, proa) = BICO DE TUCANO = SEMELHANÇA DA PONTA DESENHADA PELA JUNÇÃO DOS RIOS ARAGUAIA E TOCANTINS = TUCANTIM = TOCANTIM (Rio Bico de Tucano) + S (Plural português) = TUCANTINS = TOCANTINS.

O Índio Tucantim ou Tocantins recebeu este apelido, por habitar a Região do Tocantins, no Pará.

Não se trata, pois, de homenagem ao Engenheiro Manuel Antônio Gonçalves Tocantins, descendente de Índio Tucantim, Autor do Livro RIO CUMINÁ.

Veja Gajazena. Afluente do Rio Tocantins, cujo nome demonstra que o grande Rio da Amazônia

já se chamou **Guayá**, que foi corrompido para **Goá** e pluralizado **Goiás**, dando nome à Região e, posteriormente, ao Estado.

Couto de Magalhães — VIA-GEM AO ARAGUAÍIA: “O Rio Araguáia faz Barra no Paracupebá, que corre do Sul, quase a Norte...”

Esta descrição data de 1848 e demonstra que o Rio Tucantim (Tocantis), a partir da Foz do Rio Araguáia à Baía de Marajó, já se chamou **Paracupebá**.

Veja **Paracupebá**.”

“ESTADO DE TUCANTIM — TELEGRAMA — Presidente Ulisses Guimarães — Assembléia Nacional Constituinte — Brasília — D. F. Eventualidade criação novo Estado Região Norte Goiás vg solicitamos Constituinte corrija nome Tupi **Tucantim** vg formado união dois Rios vg **não tocantins nem Bico de Papagaio** vg erros grosseiros que se vem cometendo pt Hermes Justino Patrianova, Escritor Tupinista”.

(Transcrito do ITAJAÍ LITERÁRIO de maio de 1988). Infelizmente passou a corruptela **TOCANTINS**.

UM POUCO DA HISTÓRIA DE APIÚNA

(Extraído do livro de M. Deretti — “Apiúna nos meus apontamentos”).

O amigo urso que não era urso, mas...

“Aquêlê abraço”...
(cancioneiro popular).

Havia no interior da mata, em número bastante reduzido, o tamanduá bandeira e o tamanduá mirim. Aquele, do comprimento de um homem normal e este, do tamanho de um cachorro comum.

Quando o maior encontrava-se com algum viandante desprevenido, punha-se em pé apoiado nas patas trazeiras e abria os braços, a querer dar um amplo abraço ao visitante que surgia em seu caminho; e o fazia mesmo, se alguém, por descuido, se lhe aproximasse.

Contam que certa ocasião, um colono, levemente alterado pelos vapores da caninha, à noite buscava o atalho de sua residência pela floresta. Ia cantarolando e

despreocupado em meio às sombras que ocultavam a luz do luar. Eis senão quando, surge-lhe pela frente gigantesco tamanduá bandeira aplicando-lhe “aquele abraço” e cravando-lhe, nas costas, as garras ponteagudas. Ainda sob a ação da pinga que lhe anestesiara a sensibilidade e o cérebro, o infeliz gritava. “Solta-me, amigo, que nada te fiz de mal”. Vendo depois que o estranho vulto não era gente, em altos brados pediu socorro. Acudiu a vizinhança e tiveram que cortar os músculos das munhecas do feroz assaltante, para salvar o companheiro.

Bandos de macacos na orla da mata

“Apparve il diavolo sulla sponda della selva” (frase das vovozinhas assustadiças). (*)

Macacos ou bugios eram uma constante em nossos matarésus.

(*) Os bergamascos diziam: “Chè comparit ol diaol a prov del bosc”.

Os imigrantes, com o tempo acostumaram-se, mas no início espantaram-se com a presença de tais bichos.

A primeira vez que a macacada deu de aparecer no núcleo colonial, foi aquele "Deus nos acuda" "O demônio apareceu, saindo da floresta..."

Aconteceu que os homens estavam nas roças distantes e as mulheres no interior de seus ranchos, dedicando-se aos serviços domésticos, enquanto a criança-

da brincava pelos terreiros. De repente as crianças começaram a gritar, tomadas de pavor. Acorreram as mulheres. Eram os macacos que apareceram na orla da mata, fazendo momices e caretas.

Foi um alvoroço sem precedentes. As espectadoras nunca tinham visto semelhantes animais em seu país. Pareciam-se com gente e tinham algo de diabólico em seu aspecto. E as velhas apavoradas correram a socorrer-se com água benta...

Agradecimentos do chanceler Helmuth Kohl, da R. D. A. ao Prefeito Sasse

Acusando o recebimento de mensagem do prefeito Victor Fernando Sasse, enviada por ocasião da unificação da Alemanha, o chanceler Helmuth Kohl enviou ao chefe do Executivo blumenauense a seguinte mensagem:

«Snr. Professor Victor Fernando Sasse, Prefeito da cidade de Blumenau/Brasil. Prezado Senhor Prefeito: Profundamente emocionado, recebo a sua amável carta do dia 16 de novembro de 1990, agradecendo sensibilizado as suas congratulações pela passagem do dia da unificação da Alemanha em 3 de outubro de 1990. Foi com grande satisfação que tomei conhecimento que a alegria do Povo Alemão, no dia de sua reunificação, teve também a participação da V. Excia., juntamente com a população de descendência germânica da cidade de Blumenau.

Fiquei muito contente com este gesto magnífico de solidariedade para com este dia histórico.

O dia em que o povo alemão decidiu por livre autodeterminação a unidade e a liberdade da Alemanha, foi para todos nós um dia de alegria, de gratidão e de consciência. Mas foi também um dia, em que sentimos especialmente a nossa responsabilidade pela paz e liberdade, solidariedade internacional e compensação pacífica de interesses. Nós, alemães, seremos também, no futuro, parceiros de alta confiança e bons amigos com os nossos vizinhos e com todos os Estados da comunidade dos povos.

Muito obrigado, por seu convite para visitar também a cidade de Blumenau por ocasião de uma eventual visita ao Brasil. Peço sua compreensão pelo fato, de, no momento, ainda não poder dar uma resposta afirmativa à sua proposta. No entanto, será incorporada — em tempo oportuno — às nossas considerações e reflexões.

Ao senhor prezado prefeito e ao povo de Blumenau, desejo um feliz ano de 1991 com paz. Com os meus melhores cumprimentos, HELMUTH KOHL».

(Traduzido do alemão por Alfred Wilhelm)

120 anos de imigração polonesa em Curitiba

María do Carmo Ramos Krieger Gaulart

Setembro de 1991 marca os 120 anos da chegada dos poloneses a Curitiba. Eles transmigraram para o Paraná em setembro de 1871.

O dia que pode ser mencionado como «marco» situa-se próximo ao final daquele mês. Explico porquê: há uma escassez de documentos que possibilite constituir o trajeto dos poloneses desde sua saída da Colônia Príncipe Dom Pedro (mais tarde, Brusque-SC) à sua chegada no Pilarzinho (Curitiba-PR).

Quanto aos documentos pesquisados em diversas instituições que abrigam arquivos, citaremos:

a) Ofício do Ministério da Agricultura ao Presidente da Província de Santa Catarina (12/09/1871), expedindo ordem ao Presidente da Província do Paraná para evitar a emigração de colonos dessa para aquela Província, recomendando, ao mesmo tempo:

«que se tome as medidas necessárias a fim de evitar que os colonos abandonem seus lotes de terra»;

b) Correspondências do Governo da Província de Santa Catarina ao Diretor das Colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro (10/10/1871) remetendo cópia do aviso citado na letra a);

c) Correspondência do Diretor das Colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro ao Presidente da Província de Santa Catarina (20/10/1871), informando que na Colônia, os polacos haviam sido procurados por um patrício de nome Sebastião Saporsky; atestava também sobre a descrença dos colonos contra os tiradores de madeiras (as muitas serrarias instaladas promoviam a derrubada de diversas árvores) e as boiadas que estragavam as plantações.

d) Correspondência em forma de telegrama, do Ministério da Agricultura ao Presidente da Província do Paraná (01/11/1871), indagando sobre a situação de miséria em que se encontravam «os colonos polacos que forão de Santa Catharina para essa provincia andão esmolando e nada tem em que se ocupar? Informe V. Exa. com urgência e tome as medidas necessárias para que isso não aconteça»;

e) — Requerimento dos colonos da Colônia Pilarzinho ao Presidente e Vereadores da Câmara Municipal de Curitiba (07/11/1871), solicitando «a distribuição dos lotes de terras medidos no lugar denominado Pilarzinho».

Na correspondência da letra c), o Diretor da Colônia Príncipe Dom Pedro enfatizava que as serrarias de madeiras em mãos de especuladores, prejudicavam os colonos a ponto deles ficarem «desgostosos e quererem emigrar».

A bem da verdade, os imigrantes tinham motivo para saírem do Vale do Itajaí-mirim. Montanhoso, nele as condições geográficas — diferentes de sua saudosa Polônia, os levava a trabalharem como alguns colonos alemães já instalados no local e proximidades, na abertura de estradas — forma que o Governo Imperial escolheu como meio de pagamento dos lotes coloniais destinados aos muitos colonos chegados a Brusque.

Imigração/Colonização

"Der Urwaldsbote" — nº 37 — Sábado, 9 de março de 1901. Ano 8

O CARÁTER ALEMÃO EM BLUMENAU

No jornal "Weserzeitung", o senhor Hermann Grothus publicou uma série de artigos, intitulados "As colônias Alemãs em Santa Catarina", material colhido durante a sua viagem, por nosso Estado há 2 anos passados, em nome da Cia. Colonizadora Hanseática. De seu relatório sobre a colônia Blumenau, extraímos o seguinte:

"É preciso mostrar na Alemanha mais interesses pelo sul do Brasil. Independente das vantagens materiais ali existentes, ali também há um indiscutível compromisso étnico de nossa parte. Numa época quando na pátria as castas ainda se combatiam o despertar por unidade e igualdade alemã ainda era um crime, homens com ampla visão, homens alemães como o Dr. Blumenau criaram aqui no sul do Brasil uma nova Alemanha. Uma Alemanha onde não havia nem existem movimentos particularistas, uma Alemanha na qual hoje dinamarqueses simplesmente se denominam alemães. Portanto, criaram uma terra alemã, onde a idéia alemã provou sua força vitoriosa.

É verdade que eu não entendo o significado "pan-germanismo" como acontece na pátria em alguns círculos. O que significa a idéia pan-germânica para o estrangeiro se não se fala em conquista militar é fácil de dizer: ele deve destacar a missão cultural do caráter alemão. Colonos e comerciantes são os pioneiros da cultura alemã. Proporcionar a

estes um trabalho pacífico, não perturbado por forças inimigas, é o dever elegante da diplomacia e da força militar.

Assim também entendem todas as sociedades pan-germânicas no sul do Brasil, o sentido da palavra "pan-germanismo". Eles não fazem nenhuma agitação — por uma separação da pátria mãe Brasil, o que é sempre e outra vez afirmado pela imprensa nativista. Sua atividade de um lado é puramente idealista e de outro lado econômica, pois se esforçam através de ensinamentos influenciar seus patrícios, apoiando-os principalmente no início de sua luta pela sobrevivência, para que rapidamente cheguem a algum êxito.

E como o alemão é ativo, conquista logo uma posição segura, o luso-brasileiro, no entanto — que como diz um ditado alemão — deixa correr a água de Deus sobre a terra de Deus, regride economicamente da mesma forma como progride o alemão. Aqui também há uma estagnação um retrocesso. Esta economia, que graças a excelente escola alemã, seguiu de mãos dadas e a supremacia é em especial o que leva o luso-brasileiro acusar o imigrante alemão de infidelidade para com a nova pátria, na esperança de que o governo adote medidas para posicionar-se contra a expansão e o crescimento do patrimônio alemão.

A vida social transcorre em Blumenau, bem como em Joinville, tranquila e calma, rege um bom tom e boas maneiras, a vida pública no entanto, mostra um

quadro bem diferente. Existe o espírito faccionista — também muito alemão — uma grande parte das cabeças, e eu infelizmente tenho que dizê-lo, e das melhores, rompe os laços de família e amizade, até as correntes mais fortes, aquelas que as vantagens comerciais envolve as pessoas. A desavença pessoal provocada por diferentes ideologias políticas, agrava a situação ainda mais e assim espelham os dois jornais alemães, o “Blumenauer Zeitung” e o “Urwaldsbote”, que muitas vezes se envolvem em violentas polêmicas, uma desagradável imagem da vida pública.

Mas justamente agora os blumenauenses deviam fazer valer o velho ditado, como linha direcional — “A união faz a força” — logo agora quando o nativismo brasileiro sempre mais deixa reconhecer seus propósitos, tão prejudiciais ao caráter alemão.

A Blumenau alemã, com suas bonitas casas e magníficas igrejas alemãs, sob direção do pastor Evangélico Faulhaber, a excelente escola alemã, com suas farmácias alemãs e jornais, com sua indústria alemã e seu comércio alemão — esta obra alemã do Dr. Blumenau precisa ser alemã e continuar sendo. Todos os blumenauenses precisam ser unidos nisto. Mas mesmo assim, os nativistas conseguiram uma brecha no caráter alemão desta cidade alemã. Com a ajuda da infâmia manobra fraccionária o médico Dr. Bonifácio da Cunha o conseguiu, levantar a maioria de votos na superintendência para si e colocar-se na cadeira do burgomestre”.

COLÔNIA CAPIVARY E O VOLKSVEREIN

“Der Urwaldsbote” — N.º 42 —
Sábado, 13 de abril de 1901 —
Ano 8.

Aos esforços e trabalho intenso dos senhores João Batista May e José Steiner, devemos a instalação de um Volksverein baseado nas diretrizes de Blumenau. A sociedade atualmente conta com 125 sócios. O presidente é o senhor Heinrich Hoepers. Foram escolhidos para ir a Blumenau os delegados senhores Mark, José Steiner e Wilhelm Buenzen, que por ocasião do Congresso, levarão as reivindicações dos moradores da região do Capivary. A opinião, com exceção de poucos, é favorável à sociedade. Nós esperamos com o tempo tornar-nos um grande apoio à sociedade. A mim e à maioria de meus eleitores agradaria mais chamar a nossa União de **Neutrale**, mas também outros nomes agradariam com exceção de “partido alemão”. Esta expressão no volante, no espírito receoso de alguns, não foi bem aceita.

Lembranças e até o próximo Congresso. Assina atenciosamente, Mark José Steiner”.

COLÔNIA NOVA VENEZA APOIA O VOLKSVEREIN

“Der Urwaldsbote — N.º 42 —
Sábado, 13 de Abril de 1901 —
Ano 8.)

O Manifesto dos Italianos

De Nova Veneza (Tubarão), a diretoria do Volksverein, recebeu a seguinte carta:

“À Diretoria do Volksverein em Blumenau.

Tomo a liberdade de incluir

nesta um artigo para publicação no "Urwaldsbote".

"No propósito" de estabelecer entre o elemento italiano, uma agitação semelhante, como está acontecendo entre os alemães, estou começando a formar uma comissão para este fim e em poucos dias publicaremos um manifesto igual ao do Volksverein.

Nós oferecemos a diretoria do Volksverein a nossa aliança cooperativista. Os mesmos interesses e objetivos levam os alemães e italianos a se unirem e se estes dois elementos unidos e disciplinados um dia comparecerem ao campo de batalha política com o mesmo objetivo e programa, é

sem dúvida chegado o momento que hoje temos a lamentar.

No próximo domingo se realizará uma reunião de todos os alemães, em minha residência, que moram aqui na colônia. Nesta ocasião quero esforçar-me em demovê-los a se declarar a favor do manifesto do Volksverein. Sobre o resultado eu lhes informarei. Eu desejo que o Volksverein em Blumenau faça o mesmo com meus patrícios ali residentes em Blumenau e os esclarecesse sobre as vantagens que possam resultar disto se tomarem como exemplo a atitude enérgica do elemento alemão. Atenciosamente, M. Napcli".

Aconteceu...

Março de 1991

— DIA 1º — Encerraram-se as inscrições para matrículas na Escolinha de Arte e mantida pela Prefeitura. Cerca de 350 crianças fizeram suas inscrições, o que evidencia a importância do trabalho desenvolvido pela direção daquela importante casa de ensino artístico.

— DIA 4 — Na sede da Sociedade Desportiva Vasto Verde, realizou-se um encontro entre radialistas veteranos de Blumenau, ou seja, os que já há alguns anos deixaram esta atividade, desenvolvida há décadas passadas. A reunião contou com a presença de 32 pessoas, entre elas alguns presidentes de clubes e ex-presidentes. Foi um encontro que serviu para relembrar fatos passados na radiofonia blumenauense.

— DIA 7 — Na Academia Catarinense de Letras, teve lugar importante solenidade, que contou com a presença dos acadêmicos, familiares e admiradores de Norberto Cândido Silveira Junior, titular da Cadeira nº 2 e que faleceu em 3 de dezembro de 1990. A sessão foi realizada no auditório do Palácio Cruz e Souza. A homenagem foi das mais justas, pois Silveira Junior, como era mais conhecido no mundo das letras, ao falecer, deixou uma lacuna difícil de ser preenchida, além de um admirável acervo de trabalhos literários produzidos inclusive nas suas ativi-

dades jornalísticas. Ele foi, durante muitos anos e até sua despedida desta vida, um assíduo colaborador e entusiasta leitor desta revista. Silveira Júnior nasceu a 17 de maio de 1917. Tomou posse na Academia Catarinense de Letras no dia 27 de setembro de 1971.

— DIA 7 — Na Câmara Municipal de Vereadores de Blumenau, realizou-se concorrida sessão solene, às 13,30 horas, para comemorar o Jubileu de Prata sul-americano, do Clube Soroptimista. Ao ato compareceram numerosos convidados e autoridades.

— DIA 10 — A Orquestra de Câmara do Teatro Carlos Gomes iniciou uma série de apresentações ao público blumenauense.

— DIA 12 — Na FURB, a Divisão de Promoções Culturais, abriu, às 20 horas, uma exposição de pinturas assinadas por Paulo Cecconi. Trata-se de 20 obras em acrílico e óleo sobre tela e eucatex, onde o artista apresenta uma nova linguagem: a música e o ritmo traduzidos para a arte plástica.

— DIA 12 — Prosseguindo com a programação traçada desde o começo do ano, com o ciclo individual de artes, a Galeria Municipal de Artes abriu a exposição de 40 trabalhos da artista plástica Marilu Krause.

— DIA 12 — Na FURB, junto à exposição de pinturas de Paulo Cecconi foi realizada a noite de autógrafos com o lançamento do livro «Crescimento Econômico e a Demanda de Energia no Brasil», do autor Ivo Marcos Theis.

— DIA 12 — Este dia, anualmente, é dedicado ao Bibliotecário — é, portanto, o DIA DO BIBLIOTECÁRIO.

— DIA 16 — Uma entusiástica recepção foi dada ao governador Vilson Pedro Kleinubing que, poucos dias após assumir o poder executivo estadual, fez sua visita oficial a Blumenau. A recepção aconteceu em frente à prefeitura, na Praça Victor Konder, quando o novo chefe do executivo catarinense e ex-prefeito de Blumenau, foi saudado pelo prefeito Victor Fernando Sasse. Na oportunidade, foram assinados diversos atos administrativos, entre o Governo do Estado e a Prefeitura Municipal de Blumenau, beneficiando a comunidade blumenauense.

— DIA 18 — No Espaço Cultural do Banco do Brasil — uma sala especial — foi aberta a mostra da artista plástica Rose Darius, apresentando uma belíssima coleção de 30 obras.

— DIA 18 — Um violento temporal que derramou água sobre a cidade durante cerca de meia hora, causou uma série de contratemplos, no final da tarde, em Blumenau. No centro, o alagamento da rua São Paulo, entre as ruas Camboriú e Paraíba, provocou grande confusão no trânsito. Outros alagamentos foram registrados nas ruas Pomerode, Água Verde e Eng^o Paul Werner. Como resultado de maior gravidade, ocorreu um deslizamento de um barranco, no bairro do Garcia e que resultou na destruição parcial de uma residência, felizmente sem causar vítimas.

— DIA 25 — Sob os auspícios promocionais do Instituto Cultural Brasil-Alemanha, o Departamento de Cultura da Prefeitura promoveu a abertura de exposição de sessenta fotos, com as imagens do muro de Berlim, logo após sua derrubada, em outubro do ano passado, registradas pela câmera do fotógrafo alemão Heinz Kuzdas. A mostra teve lugar no hall de entrada da Prefeitura.

— DIA 27 — Em concorrida Sessão Solene, a Câmara de Vereadores fez entrega, às 20,30 horas, do título de «Cidadão Blumenauense» ao professor Joaquim Floriani, ex-diretor do Conjunto Educacional Pedro II. A homenagem contou com o aplauso da população blumenauense, reconhecendo no homenageado o grande acervo de serviços que prestou como educador e na direção segura daquele educandário estadual, durante muitos anos.

— DIA 28 — O Teatro Carlos Gomes apresentou a peça «Além da Vida», inspirada nos escritos psicografados pelos médiuns Chico Xavier e Divaldo Franco.

Curiosidades

— Os paramentos usados por Frei Henrique de Coimbra, sacerdote que celebrou a primeira missa no Brasil, estão expostos na Catedral de Salvador.

— Os astecas eram povos indígenas que faziam parte das sete tribos que dominavam o México, antes da chegada dos espanhóis.

— O imperador romano Calígula nomeou seu cavalo, Incitatus, cônsul e sacerdote, dando-lhe um coche de marfim.

— Elementos de Geometria do matemático grego Euclides de Alexandria, resumia toda a ciência geométrica até então conhecida (séculos IV a III Antes de Cristo), método esse que só foi superado a partir do século dezenove.

A FUNDAÇÃO RECEBE POR DOAÇÃO, UM DOS MAIS BELOS E COMPLETOS ACERVOS PARA O FUTURO MUSEU DA IMAGEM E DO SOM

Nestes últimos anos, sempre que encontrávamos o sr. Willy Sievert, procurávamos lembrá-lo de uma promessa que há muito nos fizera de que, o seu grandioso acervo histórico de filmes de 16 m/m que ele produziu ao longo dos anos, a partir de 1952, um dia seria doado à Fundação "Casa Dr. Blumenau" para ser depositado e devidamente catalogado no nosso Arquivo Histórico.

E esta promessa acaba de ser cumprida. O conceituado cidadão, fundador de uma empresa comercial que leva seu nome — Casa Willy Sievert — muito tradicional e popular em toda Blumenau, confirmou oficialmente o seu desejo de doar todo aquele seu acervo que preserva a memória visual histórica de Blumenau a partir da década de 1950.

Como é sabido, por aqueles que pertencem às gerações surgidas a partir da década de 1930, o sr. Willy Sievert, ao longo destes anos e até há pouco, sempre era visto em todas as solenidades e qualquer ocorrência que envolvesse a comunidade, filmando os seus mínimos deta-

lhes inclusive as grandes enchentes e tragédias ocorridas em Blumenau.

Estes filmes que ele produziu com tanta capacidade artística, apurada técnica e carinho, foram sendo guardados em seu acervo, devidamente registrados, tornando-se um verdadeiro tesouro no que concerne a uma valiosa contribuição para a história de Blumenau, a partir deste meio século. São panoramas maravilhosos, antigas residências, a antiga rua 15 de Novembro com suas belas casas típicas, e arredores de Blumenau, suas cascatas, seus rios de águas ainda cristalinas, a saudosa Estrada de Ferro Santa Catarina com suas locomotivas, os desfiles de 7 de Setembro de anos passados, desfiles carnavalescos, a primitiva banda municipal, a antiga casa comercial Carl Hoepcke, assim como a antiga Casa Ruediger, a estação ferroviária e tantas outras paisagens da Blumenau de 1950/60.

Todo o acervo que será o mais importante documentário que haveremos de estabelecer no Museu da Imagem e do Som, já que, no

que se refere ao som, estamos de posse de cerca de... 8.000 (oito mil) discos de 78 rotações, contendo as músicas do passado com inclusive grandes orquestras e conjuntos populares, que nos foram

doados pela direção da antiga Rádio Clube de Blumenau. Este Museu da Imagem e do Som será, sem dúvida, motivo de orgulho e encantamento para todos nós, blumenauenses.

Homenagem ao sábio Fritz Müller

Se vivo fosse, o sábio Friz Müller teria completado, no último dia 31 de março, seus 169 anos de existência. Mas, faleceu aos 75 anos de idade, no dia 21 de maio de 1897.

A memória do grande naturalista que deixou um dos mais notáveis acervos de trabalhos de pesquisas que realizou ao longo de seus anos vividos aqui em S. Catarina e nos últimos anos de sua vida em Blumenau, tem sido lembrada com homenagens através das gerações que vêm se sucedendo desde sua morte.

Assim é que, neste ano de 1991, quando registrou-se mais uma data de seu falecimento, coube, desta feita, ao Círculo de Ciências Friz Müller, criado na Escola Básica Municipal Machado de Assis, a honra de organizar o programa de homenagens ao pé da estátua do aplaudido sábio.

E no dia 2 do corrente mês, com a presença de numerosos alunos das classes existentes naquele educandário, acompanhados de seus professores, bem como com a presença, ainda, de

descendentes do homenageado, foi cumprido um bem elaborado programa, pelos alunos daquela Escola, o que evidenciou o carinho e dedicação com que os jovens de hoje estudam a trajetória de vida de uma das figuras mais proeminentes que o mundo conheceu no século passado e que quis viver sua vida aqui em Blumenau, onde faleceu, deixando aqui as raízes de sua descendência. Declamações, poemas e ligeiras alocuções, completaram o programa de homenagens a Fritz Müller no dia 2. A Fundação "Casa Dr. Blumenau", representada por seu diretor executivo José Gonçalves, depositou uma coroa de fores e fez ligeira palestra em torno da vida e da obra do homenageado. Finalizando, o diretor daquele educandário municipal pronunciou alocução alusiva ao acontecimento, dizendo de seu entusiasmo por verificar em seus alunos sentimentos tão profundos no empenho de preservar a memória histórica em geral e, especialmente ao homenagear um dos seus mais ilustres vultos que aqui viveu e morreu.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50, instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edith Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Frederico Kilian; vice-presidente — Urda Alice Klueger.

MEMBROS: Julio Zadrozny — Sra. Ilse Schmider — Martinho Bruning — Ernesto Stodieck Jr. — Ingo Wolfgang Hering — Aiga Barreto — Rolf Ehlike — Arthur Fouquet e Frank Graff.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA